

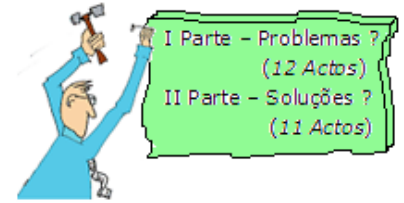


Nelson Trindade

Edição SocioSistemas
www.sociosistemas.com



Lupa sobre a democracia _ Acto 9 ***... no princípio era o caos ...***



***... depois surgiu a vida e, com ela,
o conceito de revolta estava criado...***

No início do universo, a *sopa cósmica*, com sua entropia devoradora, viu, de repente, a destruição feroz que a percorria ser perturbada por um facto insólito.

No seu interior nascia uma força que lutava e se opunha a essa desordem crescente, a esse constante destruir de qualquer estrutura nascente, e essa força ia vencendo.

Na verdade, indo contra o todo poderoso *caldo cósmico indiferenciado*, e apesar das entropias dominantes, alguns elementos no seu interior iam-se aglomerando em conjuntos vastos e complexos, cada vez mais organizados (anti entropias): ***nascia a vida***.

O conceito de revolta estava criado.

A partir desse momento e em qualquer situação, as *forças do caos* e as *forças da ordem* lutam entre si, tentando cada uma vencer a outra. Entre ambas cria-se uma terra de ninguém, a *fronteira do caos*, onde a vida nasce e morre, ou, como diz J. Gleik, *a vida floresce*. Em esquema:



CAOS

FRONTEIRA DA VIDA

ORDEM

Num primeiro caso, quando as forças do caos têm supremacia, surge a ruptura de estruturas, a destruição da ordem e o aparecimento de um conjunto homogeneizado e indiferenciado: uma ***igualdade*** em constante ***instabilidade***.

Comparável às *lavas de um vulcão*, encontra-se aqui o mundo da incerteza e da imprevisibilidade total, onde forças cegas aparecem, explodem e morrem.

Num segundo caso, quando são as forças da ordem a dominar, aparecem e consolidam-se estruturas, que estabilizam todo o dinamismo, originando um conjunto heterogéneo e diferenciado: uma ***diversidade*** em ***estabilidade*** durável.

Semelhante ao mundo calmo e frio dos *crístais*, aqui impera a segurança, a certeza e a previsibilidade que tornam impossível (ou muito difícil) qualquer alteração. A *revolta* criadora de vida não pode mais acontecer.

A vida de uma sociedade, na aparente oposição entre a imprevisibilidade das várias escolhas individuais (caos) e a previsibilidade dos comportamentos sociais impostos (ordem), pode ser comparada a uma vivência simultânea nas duas zonas, ou, por outra palavras, a uma existência dentro da zona de fronteira entre elas... *onde a vida floresce.*

Quando se obriga um sistema social a **entrar na zona de caos** (por destruição das expectativas sociais¹vigentes), ou, em sentido inverso, se pressiona, **para entrar na zona da ordem** (por limitação drástica da autonomia individual²), o que vai acontecer é que, em ambos os casos, esse sistema social definhará, se bem que por razões diferentes. Por outras palavras, de uma forma ou de outra, sairá sempre da zona de **trans**-formação (vida: permanente nova formação) que é a fronteira entre elas.

Esta *fronteira* vive da dinâmica dos sistemas caóticos,³ou seja, da co-existência da estabilidade e da instabilidade. Uma pequena história poderá ilustrar este fenómeno.⁴

Imagine-se uma mesa onde se despeja, regular e suavemente, sempre de uma altura fixa, uma determinada quantidade de areia seca.

Os grãos caem, aglomeram-se, formam montes, escorregam para a base, provocam derrocadas, explodem avalanches, caem certas partes, surgem montículos ... e vai-se formando um novo monte que cresce, até ruir também... e assim sucessivamente até se esgotar a areia.

Se se repetir a experiência com a mesma quantidade de areia, da mesma altura e com o mesmo fluxo, pode garantir-se que no fim a duna formada terá, senão a mesma forma da anterior, pelo menos, uma muitíssimo semelhante.

*Obtém-se, deste modo, um conjunto previsível (duna), cuja forma pode ser prevista e garantida com uma grande certeza. Entra-se, deste modo, no mundo da estabilidade e da **ordem.***

*Todavia, apesar de ser **possível** antecipar a forma da duna, é **impossível** prever o comportamento de cada grão de areia. Dentro da duna estável, vive-se a incerteza e o **caos.***

Poder-se-ia dizer que este sistema vive à beira do caos, nele coexiste a imprevisibilidade e a previsibilidade.

No ponto de vista de cada um dos seus elementos, estes apresentam um futuro cheio de incógnitas em relação ao seu comportamento, devido ao infinito número de alternativas possíveis. O caos domina o processo.

Ao mesmo tempo,⁵e na perspectiva do conjunto, existe certeza e segurança na forma final a obter, pelo que o futuro é certo e previsível. A ordem domina todo o processo.

Os sistemas sociais em geral e a democracia em particular, funcionam de um modo semelhante, pelo que é possível relacionar a história das dunas de areia com um sistema político.

Imagine-se que a duna é um país e que os grãos de areia são os seus cidadãos.

A duna (país) terá de funcionar com uma ordem e uma estrutura permanentes (a sua forma social previsível), mas os seus cidadãos (grãos de areia de movimento imprevisível) deverão decidir, em cada momento e livremente, o que querem, não só em relação à vida política e social, como também acerca de todas as outras decisões, constantemente tomadas (compro e não-compro, invisto e não-invisto, etc).

¹ - Por exemplo, este é o caso de um povo sujeito a uma revolução ou a uma convulsão social que não entende, e para a qual não possui quaisquer previsões construídas, ficando perdido por falta de orientação.

² - Por exemplo, o caso de uma ditadura, onde qualquer manifestação individual é totalmente reprimida, sendo todo o comportamento homogeneizado.

³ - Sistema que está instável sem estar fora de controlo.

⁴ - Construída com base na análise dos sistemas físicos, vide Per Bak e Kan Chen, in, *Self-Organized Criticality*.

⁵ - Um exemplo, é o que acontece com a luz, cujas leis físicas definem à onda luminosa um comportamento totalmente previsível, mas onde os fotões que a constituem, são totalmente imprevisíveis nos seus movimentos.

A questão que se coloca é como conciliar estes dois factores: a certeza social necessária ao conjunto (*ordem*) e a incerteza (liberdade) individual imprescindível a cada elemento (*caos*)⁶.

Por outras palavras, deverá a **duna** (País) a impor a ordem aos cidadãos, limitando-lhes a imprevisibilidade, ou deverão ser os cidadãos, com a sua imprevisibilidade, a impor um funcionamento ao País ? Ou um equilíbrio de ambas?

Ou, numa questão ainda anterior, esta relação sociedade-cidadão será focalizada na *ordem da estabilidade* ou no *imprevisto da instabilidade* ?

... grãos de areia colados ou oleados ?...

Escravo, servo da gleba, burguês e cidadão... longo foi o caminho, lenta foi a mudança. Onde estamos hoje, neste jogo da liberdade ?

Todos os dias, a sociedade acorda com a certeza de que o seu funcionamento se mantém inalterável,⁷ mas cada cidadão acorda também seguro da sua liberdade de acção e decisão: *certeza e previsibilidade social* de um lado com *incerteza e imprevisibilidade individual* do outro.

A sociedade, para fazer face à angústia desta incerteza, utiliza duas soluções.

Por um lado, tenta *não ver* o cidadão como imprevisível e procura considerar que tudo obedece a leis claras, ou seja: *o que está fora das regras está errado*. Neste sentido, o sistema social torna-se **gerível** num mundo **preto-branco sem cinzentos**.⁸

A sociedade decide de acordo com leis claras, sem matizes, e que por isso apenas expressam *silhuetas* do real, mas, no momento das decisões, dão um conforto sem angústias. O facto desse afastamento do real levar a decidir na *Santa Ignorância* do que acontece realmente, não pesa o suficiente para levar a alterar o método.

Por outro lado, e em reforço, a outra solução utilizada tenta reduzir a imprevisibilidade do comportamento dos cidadãos, actuando a um **nível físico**, desde o enquadramento social (mais ou menos violento) até a controles legais diversos; e/ou agindo a um **nível psicológico**, desde a educação até à repressão cultural.

Na linha do presente texto, o aspecto que interessa é a segunda alternativa. Todavia, em relação à primeira hipótese (leis claras *sem cinzentos*), apresenta-se um pequeno exemplo no campo da economia.

*Pode dizer-se que a política económica é a construção de um conjunto de mecanismos económicos com o objectivo de **influenciar**, dentro da sociedade, a actividade económica num determinado sentido.*

*Por sua vez, **influenciar** significa **pressionar decisões económicas dos cidadãos**, decisões essas que devem ter as características desejadas, para que a partir delas os processos económicos se desenvolvam mais ou menos **mecanicamente**, na direcção desejada.*

*Assim, a situação, a nível do conjunto (**duna**), tem regras claras de funcionamento (política económica), e, a nível da unidade, contem cidadãos (**grãos de areia**) que, com sua imprevisibilidade, poderão cumprir ou não essas regras. Como exemplo, imagine-se as*

⁶ - Ver Nelson trindade” Crise económica, sua solução: nem ordem, nem caos” – in www.Pluridoc.com ou www.sociosistemas.com

⁷- Educar é apenas impor o cumprimento das expectativas sociais, para que todos possam conviver com segurança. Como exemplo, só posso guiar um carro na estrada, se tiver confiança de que os outros motoristas estão suficientemente educados em guiar pela direita, obedecendo às expectativas sociais.

⁸ - vide, Kosko, B., in *The New Science of Fuzzy Logic*.

seguintes **etapas** numa **Política económica** de redução da inflação, através do aumento das taxas de juro:

- 1 - Aumentar as taxas de juro, **para que**,
- 2 - **portanto**, aumentem os depósitos bancários **para que**,
- 3 - **portanto**, se reduza o dinheiro em circulação, **para que**,
- 4 - **portanto**, se obtenha uma redução da procura, **para que**,
- 5 - **portanto**, se consiga uma redução da inflação.

Em síntese, há uma sucessão lógica de causas (para que) e efeitos (portanto), mas vê-se facilmente que, após a etapa 1), a lógica só funciona se o cidadão, com a sua liberdade de manobra (**imprevisibilidade de comportamento**), fizer a etapa 2). Só neste caso, é que as etapas 3, 4 e 5) serão automáticas e o mecanismo económico funcionará. Se o cidadão (na etapa 2) não cumprir a previsão feita para o seu comportamento, nada funcionará.

A previsibilidade do conjunto coexiste com (depende de) a imprevisibilidade da unidade.

Colocando o exemplo num esquema, ter-se-á:



ou seja, as etapas 1, 3, 4, e 5) são de natureza económica, mas a etapa 2) é de uma natureza diferente, pois é de **essência social**.

Quer isto dizer que a opção de usar ou não o benefício do aumento das taxas de juro, não faz parte de um processo **causa-efeito** económico, mas sim de um processo psicológico (estratégico). Não é um problema de **custo-benefício**, mas sim um problema de uma **inteligência a pensar** sobre isso. E não é um problema da sociedade no seu conjunto, é um problema de cada cidadão, consigo próprio.

Por outras palavras, é exactamente a problemática da imprevisibilidade do grão de areia, na previsibilidade da construção da duna.

Na verdade, a etapa 2) contém dentro de si uma enorme área de decisão individual autónoma, baseada nas expectativas psicológicas existentes, cujos resultados indeterminados provocam incertezas em relação à execução da política económica proposta.

Por outras palavras, um cidadão para tomar a decisão económica, pode não usar a lógica decisional proposta nas etapas 1e 2): *aumento das taxas de juro a originar depósitos bancários*. Em contrapartida, pode considerar inúmeros outros factores e, assim, chegar a uma decisão diferente. Com o fim da homogeneidade dos cidadãos, desaparece a homogeneidade do cumprimento das decisões **lógicas** a nível do conjunto.

Em conclusão, o caminho crítico definido não tem uma sequência automática em todas as suas fases. **A etapa 2), não é económica, é estratégica**. O cidadão tem que ser visto como um ser com grande imprevisibilidade, ao contrário de um mero fornecedor de respostas a estímulos.

(por outras palavras, parafraseando Richard Feynman, diria que a teoria económica serve tanto às decisões económicas como a Ornitologia serve aos pássaros...mas serve bastante aos observadores dos pássaros.)

E, assim, entra-se na segunda hipótese, ou seja, a de procurar reduzir a imprevisibilidade do cidadão, tirando-lhe tanto quanto possível a *capacidade de jogo estratégico*.

Para que um indivíduo seja um ser estratégico é necessário que seja *inteligente* nas decisões que toma em relação às variáveis do seu contexto social. E ser inteligente, significa que entra em consideração com o efeito que essas decisões terão no seu futuro pessoal. Assim:

ser estratégico significa ser sensível ao contexto, poder projectar-se no futuro e ter capacidade de definir e concretizar opções.

Tira-se imprevisibilidade a um cidadão, quando se lhe tira um, ou mais, daqueles factores.

Considerando a evolução social ao longo dos tempos, e continuando o exemplo da política económica, poder-se-á desenhar dois tipos de **cidadão-decisor**:

A - com **baixa qualificação técnica**, portanto, com níveis reduzidos de decisão estratégica, logo com fortes probabilidades da etapa 2) ser ultrapassada mecanicamente. A política económica funcionará sem problemas.

B - com **alta qualificação técnica**, portanto, com grande potencialidade para decisões estratégicas. Neste caso, a etapa 2) será sempre uma zona de incerteza importante na execução da política económica.

A grande diferença dos séculos passados para a época actual, foi o aumento (quantitativo e qualitativo) dos cidadãos, com nítido alargamento das suas áreas de manobra, pelo desenvolvimento da sua capacidade mental (instrução, educação e cultura). Em consequência, todo o funcionamento social adquire hoje fortes características estratégicas, bem diferentes dos séculos anteriores.

Nestas condições, a gestão social domina a política: em todos os processos, **a gestão da imprevisibilidade dos cidadãos** está no centro das preocupações actuais.⁹ O motor da democracia deixou de ser económico para passar a ser sociológico.

No exemplo da duna/sociedade, o mais importante não é a gestão da duna, com as suas leis, mas a gestão dos grãos de areia com as suas expectativas.

Parafrazeando J. Lipnack e J. Stamps, quando dizem que *as ideias têm o incrível poder de potenciar energia*, poder-se-á dizer que **uma duna poderá ser feita mesmo fora das suas leis, se os grãos de areia o quiserem**.¹⁰

Nesta perspectiva, não será a economia a orientar o desenvolvimento, com este, por sua vez, a determinar a política a seguir, mas sim, a política definida a orientar o desenvolvimento, e este a determinar a economia.

Esta alteração de perspectiva é cada vez mais urgente.

Na verdade, se ela não for feita, a gestão da democracia passará pelo controlo dos cidadãos, polarizando-se na luta pela estabilidade. Utilizando a analogia da duna e do fluxo de areia, é como se, para evitar surpresas pela imprevisibilidade do movimento de cada grão, se usasse **cola** para obrigar todos eles a deslocarem-se juntos, sem incertezas.¹¹

Deste modo, os dirigentes garantem não só a situação actual, como garantem também a sua permanente estabilidade e a sua evolução controlada, tudo isto à custa de **cimentar os cidadãos uns aos outros**.

Todavia, a evolução histórica com seu desenvolvimento sócio-tecnológico proporcionou e obrigou os indivíduos a potenciarem cada vez mais as suas capacidades intelectuais, quer a nível da cultura, quer da instrução. Por outras palavras, a **descimentarem-se**.

⁹- Desde o terrorismo até manifestações espontâneas, passando por movimentos religiosos e deslocações de interesses económicos.

¹⁰- É a diferença entre *condicionante* e *determinante*. A gravidade é uma condicionante que obriga os mais pesados caírem para o solo. Mas os aviões voam. O Brasil tem mais riqueza natural que o Japão, mas este é mais desenvolvido. Um país pode ter um mau solo ... para *trigo*... mas bom para *caça*. Ser mau ou bom implica sempre ... para algo. Se este mudar o mau pode passar a bom e vice-versa.

¹¹ - Será isto que se pretende com as maiorias, os sindicatos e associações diversas ? Se por um lado o argumento é aumentar a força do interlocutor, o que é verdade, por outro, não será também reduzir as diferenças num todo mais homogéneo ? E esta redução de variedade não reduz a força ?

Voltando a interpretar este facto com a analogia da duna, tudo se passa como se os grãos de areia deixassem de estar **colados** uns aos outros, constituindo grupos homogéneos, para passarem a estar **oleados**, deslizando rápida e constantemente uns pelos outros, formando conjuntos flexíveis, que tão depressa aparecem como desaparecem.

A imprevisibilidade e a diferenciação de comportamento é a regra principal do funcionamento social dos dias de hoje. As maiorias igualitárias e confortáveis acabaram.¹²

O poder instituído, recusando esta realidade, procurará limitar a imprevisibilidade, impedindo a variância, e, para isso, esforçar-se-á em tirar a capacidade de acção aos diversos **grãos de areia** (cidadãos).

Os exemplos são múltiplos: tentará **colar** os cidadãos uns aos outros, integrando-os em grupos fechados com líderes impositivos (partidos?); procurará impedir a divulgação de imagens de futuro diferentes das *convenientes*, dificultando trocas culturais; fomentará compreensões confusas mediante analfabetismo cultural, desinformação, etc; reduzirá o poder de intervenção pelo uso obrigatório de representantes e posterior mitificação destes, etc.

Procurará, assim, gerir a democracia de *fora para dentro*, de *cima para baixo* e do *conjunto para a unidade*. A acção é controlada por **padrões homogéneos**; o raciocínio é limitado por **memorização** (palavras de ordem); a mudança é orientada por **ideias-feitas**; e a iniciativa é apatizada por **submissão** ao superior mitificado.

Deste modo, os *grãos de areia* (cidadãos) movem-se devagar, a *duna* (sociedade) fica quieta, a ordem existe e o futuro é conhecido. Tudo pára.

Agora, governar é garantir estabilidade no presente, com o progresso a ser confundido com modificações,¹³ o desenvolvimento a ser pensado como crescimento¹⁴ e a actividade transformada em agitação.¹⁵ E, no conjunto de tudo isto, a solidez social obtida acaba por ser apenas uma forma de **petrificação social**.¹⁶

Todavia ...

... não é possível *acelerar e travar* ao mesmo tempo. Quer isto dizer, que o mesmo indivíduo não pode, por um lado, estar apatizado e submisso no seu papel de cidadão e, por outro lado, estar activo e inovador no seu papel de profissional actualizado.¹⁷

Assim, nesta **sonolenta** democracia, *apesar e por causa dos controlos*, surgirão bruscamente, no tecido social, violentas *avalanches, derrocadas e movimentos bruscos*, abalando as suas estruturas e o seu funcionamento. Estes movimentos, sempre considerados sem validade democrática¹⁸ pelo poder instituído, são na verdade o que impede a democracia de morrer realmente.

Contudo, esta forma de dar *oxigénio* à democracia, arrasta insegurança, pelo que a angústia também se instala e, na crise resultante, o poder instituído tenta repor a *ordem* atra-vés da imposição de um equilíbrio rígido e de uma apatia submissa, ambos reconfortantes. Esquece-se, todavia, que a *sonolência democrática* criada, trás consigo não só factores de regressão, como desadaptação do contexto. E será que o futuro permitirá esta solução ?

Para isso vamos começar por

... a viragem da civilização ... (Lupa sobre a Democracia_ Acto 10).

¹²- *vide*, a evolução das teorias do Marketing afastando-se cada vez mais dos grandes blocos de consumidores homogéneos.

¹³ - Sempre devidamente inauguradas.

¹⁴ - "... as dunas crescem, mas as crianças desenvolvem-se..."

¹⁵ - "...as formigas mostravam uma actividade intensa no meio da agitação das folhas..."

¹⁶- "...a sua calma, segurança e firmeza era apenas fraqueza mental, onde nunca passeava uma ideia..."

¹⁷-Como exemplo, não é possível o mesmo técnico ser inteligente, activo e participante, no trabalho, das 09.00 às 18.00; e depois ser estúpido, apático e espectador, na democracia, das 18.00 até às 09.00.

¹⁸-No ponto de vista da *democracia sonolenta* ou *ditadura doce*.